ARTE-TERRITÓRIO NA AMAZÔNIA DO TEMPO PRESENTE

Arte-território na Amazônia do tempo presente

- - - -

Hugo do Nascimento

- - -

ROTEIRO

6 Prefácio

10 Prólogo

II

16 a **Encruzilhada das relações Arte-Território**
29 da Trincheira Discursiva
38 Paisagem - Matéria / Território - Ponto de Fuga
49 Arqueologia dos registros e relatos / Cartografia ativa dos produtos e práticas

II

54 **uma Jornada pela Amazônia do tempo presente através da Arte Contemporânea [e vice-versa]**
57 Monumento de Eldorado dos Carajás, 1999
69 Desculpe o transtorno - Estamos em obras, 2002
75 Sudários, 2009
84 Midas [+ Ouro de Tolo], 2009
96 O Lago do Esquecimento, 2011
105 Mapazônia, 2012
115 S11D ou Estratégias para salvaguardar pedras, 2014
125 It Was Amazon, 2016
131 Território, 2016
138 Natureza Morta; Reescrituras sobre PerspectAtivismo, 2017
146 Resistência Ancestral, 2021

III

154 **Múltiplos Enclaves; Traços Compartilhados**
160 Memória Individual; Memória Coletiva
165 Escuta – Fala
167 A natureza enquanto sujeito
170 do ícone ao índice
174 Arte-Abre-Caminhos: estratégias de trânsito e de inserção
178 Visibilidade – Invisibilidade
180 do caboclo como objeto referencial aos sujeitos da identidade racial como protagonistas na arte
184 De volta ao ponto de partida [+ notas de saída]

187 Bibliografia

PREFÁCIO*

a partir de originais de Gil Vieira [GV] e Orlando Maneschy [OM]

** Este prefácio é fruto de uma montagem que utilizou como matrizes textos [um parecer e uma carta] de Gil Vieira e Orlando Maneschy. Os originais foram apresentados pelos autores durante a defesa da dissertação que deu origem a este livro. Gil e Orlando - junto aos professores José Sena e Marcos Magalhães - estiveram presentes na banca que analisou a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi, suas considerações generosas e críticas honestas foram fundamentais para o fechamento desse trabalho.*

[. . .]

Hugo fez iniciação científica comigo, e sempre reconheci sua inteligência e olhar arguto para a arte e para vida, que o levou por tantos caminhos, desbravando rotas e percebendo a vida real de tantos invisibilizados. Seu olhar sensível e crítico, *sin perder lá ternura jamás*! Venho acompanhando — mesmo que de longe — os caminhos e proposições coletivas do artista pesquisador **[OM]**… Este livro trata das artes visuais produzidas na Amazônia, focando em 10 obras realizadas entre 1999 e 2022, em diferentes localidades amazônicas, talvez ocupando o lugar de amostra do conjunto total. A problemática da pesquisa é clara, e está sintetizada no trecho: "*como a arte tem presentificado as questões territoriais, e sobretudo, até que ponto as dinâmicas do território regulam um modo de fazer arte propriamente amazônico*". O pesquisador opta por se debruçar sobre práticas artísticas críticas georreferenciadas, delimitadas a partir do pressuposto de que o fazer artístico nesses casos "*é indissociável da experiência singular de ser e estar Amazônia*". A abordagem é original, com embasamento teórico e metodológico vindos de teorias da arte e das ciências sociais, e apresenta reflexões importantes para aprofundar a compreensão a respeito da produção artística contemporânea **[GV]**… Sinto que é em Mignolo, Latour, e na fala do povo misturada, fundida, amalgamada, que irá, de forma arriscada, constituir corajosamente seu giro, guinada agregadora de vários, que é a sua natureza. E isto não é jogo de palavras, apropriação indébita, mas verdadeiramente uma fala de dentro **[OM]**

…

Preciso dizer que não consigo ser imparcial aqui. Identifico-me com a perspectiva disruptiva. A eleição de artistas, processos e experiências me afeta, pois para além de sistematizar obras e reflexões sobre as mesmas, atravessa o pensamento, o atrito, a fricção das experiências no mundo à luz de uma proposição decolonial para olhar uma elaboração de pensamento e arte "*desde*" a Amazônia, marcação que por si só já consegue sintetizar e elaborar a questão fundamental de sua

perspectiva, e contribui com esta pontuação imensamente para nosso pensamento. Pensar a Experiência amazônica com artistas que vivem, atravessaram, ou foram afetados por este território, é sempre um desafio com múltiplas balizas, móveis e instáveis. Hugo, com sensibilidade e perspicácia, traz o "desde" como vértice, flecha para o fluxo de seu texto **[OM]**… O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, são apresentados os debates teóricos em torno de conceitos manejados na pesquisa, assim como é feita a reflexão sobre o próprio processo de desenvolvimento da pesquisa, para que o trabalho assumisse a forma que assumiu. O segundo capítulo foca nas 10 obras artísticas escolhidas, optando pelo texto na forma de colagem — montagem, *remix*, edição — de trechos da fala de terceiros obtidos de diferentes maneiras, sobretudo a partir da coleta de entrevistas. O último capítulo apresenta um balanço a respeito dessas 10 obras, evidenciando os pontos de contato, as similaridades nas abordagens realizadas nessas diferentes práticas artísticas, identificadas nos tópicos: a) memória individual — memória coletiva; b) escuta — fala; c) a natureza enquanto sujeito; d) do ícone ao índice; e) arte abre caminhos: estratégias de trânsito e de inserção; e) visibilidade-invisibilidade; f) do caboclo como objeto referencial aos sujeitos da identidade racial como protagonistas nos circuitos de arte **[GV]**

…

As *Castanheiras de Eldorado dos Carajás* existem, resistem, mesmo que sejam calcinadas e tombem todas. Elas seguem imanadas ali, como "*um convite a interpretar… celebrando a inteligência criativa, reflexiva, e explanatória do ser humano. Isso é importante, porque o Monumento, sua ressonância, seu significado, tá conectado com a capacidade de virar um símbolo dentro do imaginário de uma região, talvez de uma conjuntura*" [BARON, ver pg. 69]. *Urucum*, *Açúcar Invertido*, *Nós Contemporâneos*, *Rés-do-Chão*, o nascedouro do debate de *poelítica*… *Sudários*, obra tão significativa e sobre a qual poucos se debruçaram… A transmutação Egon Pacheco e Francisco Vera Paz. Atravessamentos e transformação… Lembro de um filme de David Lynch — ele mesmo um desviante — em que o personagem no meio do filme, ao som

de bossa nova, sacode, sacode, sacode a cabeça, e quando volta é outro ator dando vida ao mesmo personagem… *Midas*, Adão, e o primeiro homem dentre tantos com suas arcadas banguelas devoradas pelo capitaloceno — que na época nem supúnhamos chegar aqui. O trabalho de Adão quem sabe encontra-se balbuciando histórias entre os ruídos de motores, vivendo em alguma ilhota no *Lago do Esquecimento*, entre negativos e memórias apagadas que não se extinguem jamais! Tatiane sonhava ser doutora… *Mapazonia* reuni, agrega, mistura, e soma em uma explosão de ideias. *Raio Verde* e *S11D*, ou *projeto para salvaguardar pedras*… a natureza como protagonista… *It Was Amazon*… É sobre isso. Leonilson não conseguiu salvar o mundo, nem Jaider deu conta… Marcone, Vandria, e tantos outres citados ou não aqui, abrem caminhos, lançam flechas, e olham com carinho — e mesmo dor — para este lugar-continente-resistência. Lembro de Arthur Leandro pintando de vermelho sangue o meio fio dos antigos quarteis de Belém. Lúcia Gomes faz 30 anos de arte e artivismo… São múltiples e diversas pessoas artistas contribuindo desde Amazônia… são múltiplas as Amazônias…

...

Não sou migrante, sou filho da terra, mas tive o impacto na mais tenra infância de ver um trator gigante devastar uma floresta. Os estampidos, o som das aves em fuga, os grunir dos macacos jamais sairá da minha memória. É deste local que Hugo fala e nos conclama a adentrar, em seu mix cerebral, caderno de campo, de vozes e pensamentos, em um mundo tão adverso **[OM]**

PRÓLOGO

[. . .]

Em outubro de 2011, ocorreu o *Seminário Internacional em Defesa do Rio Xingu*[1], na cidade de Altamira. Organizado por movimentos sociais e indígenas, o evento propunha debater a implantação da Hidroelétrica de Belo Monte, seus impactos socioambientais, e traçar estratégias para resistir à construção da usina. Após dois dias de intensos debates no Ginásio Poliesportivo Nicias Ribeiro, no dia 27, os movimentos organizados promoveram uma ação que consistiu na ocupação do canteiro de obras da UHE, e na paralisação da Rodovia Transamazônica. Fazia dois anos que eu havia ingressado na Universidade Federal do Pará, no curso de artes visuais, quando consegui um assento no ônibus do *Movimento Xingu Vivo Para Sempre* rumo à Altamira, e da experiência que mudaria significativamente minha forma de pensar e fazer arte desde a Amazônia. Como artista, passei a direcionar minhas investigações para uma reflexão permanente de certas questões deste território de pertencimento, cuja posição na matriz colonial de poder se tornará um pouco mais consciente naquele outubro. Rastros dessa experiência podem ser acessados em *Terra do Meio Zona de Guerra*[2] — fanzine publicado no mesmo ano, e amplamente distribuído entre 2012–14 – e nas publicações do *Amazônia em Chamas*[3] — coletivo multimídia do qual fui membro ativo até 2016. Essas práticas em arte-política, orientadas para crítica ao desenvolvimentismo imposto sobre a Amazônia, resultaram ainda em muitos outros trabalhos do *Laboratório de Cartografia*[4], bem como em projetos individuais das pessoas que compartilharam dessa vivência. Permaneço caminhando por essas trilhas, e trabalhos recentes em artes visuais, como *Memorial da Terra*[5], e *Amazônia, Ano Zero*[6], são desdobramentos desses acúmulos, tentativas de reprocessamento das questões coloniais e seus pontos sensíveis.

- - -

1 mais sobre o seminário > https://www.telmadmonteiro.com/2011/09/luta-contra-os-grandes-projetos.html https://www.telmadmonteiro.com/2011/09/luta-contra-os-grandes-projetos.html
2 disponível em https://issuu.com/contra-o-poder/docs/tmzg
3 disponíveis em https://amazoniaemchamas.noblogs.org/
4 https://labcart.hotglue.me/
5 em https://memorialdaterra.hotglue.me/, e também publicado na Revista Concinnitas https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/50266
6 em https://amazoniaanozero.hotglue.me/

Este percurso não fiz sozinho. Diversos artistas e ativistas com os quais estive trabalhando em conjunto seguem fazendo de seus trabalhos um modo de presentificar questões sensíveis da região. Tao pouco fui o primeiro. Essa trilha estava aberta, e só quando me vi dentro dela pude perceber muitos dos que vieram antes. Certamente muitos virão depois. Portanto, é desse lugar de *pesquisador-afetado*, que não nega a modalidade do afeto, que se deixa contaminar pelo seu objeto de pesquisa, e que faz da participação instrumento do conhecimento [FAVRET-SAADA, 2005], que me propus a desenvolver uma investigação que reflexione, não sobre o meu trabalho, mas sobre um movimento do qual ele parece fazer parte: de *uma prática artística crítica georreferenciada*, muito presente na produção amazônica contemporânea, cujo fazer é indissociável da *experiência singular de ser e estar Amazônia*. Da constatação da recorrência de questões territoriais nos enunciados da arte, bem como na materialidade mesma de muitas obras, surge o interesse de mapear essa produção, buscando perceber *como a arte tem presentificado as questões territoriais*, e sobretudo, *até que ponto as dinâmicas do território regulam um modo de fazer arte propriamente amazônico*. Esta pesquisa nunca pretendeu entregar como resposta ao[s] problema[s] uma síntese fechada, que fosse capaz de esgotar o tema e encerrar questão. Ao contrário, quis - e espera ter conseguido - abrir o debate, ampliar a discussão, fornecendo mais elementos e caminhos de análise, pelos quais futuras pesquisas poderão, ou não, transitar. Resíduo de uma pesquisa-trajetória, mais que uma ferramenta de reflexão, este livro é um *instrumento de mobilização* [FALABELLA, THURLER, 2021]. Assim sendo, assume o seu caráter produtivo, a subjetividade dos olhares que dentro dele se cruzam, a parcialidade e os limites dos lugares de enunciação, aceita o inacabado, e acolhe tanto suas precariedades e quanto suas potências. Por estas razões, considerei importante deixar visível ao leitor as marcas do processo [do percurso investigativo, da construção do pensamento, e da costura do texto]. Esta escolha, embora tenha pretensões didáticas, e relações intrínsecas com os conteúdos formulados [e com seus processos de formulação], deu lugar também a uma estilística que pode resultar confusa, então cabe entregar ao leitor um roteiro prévio de entrada, para que mais adiante possa escolher entrar e sair por onde quiser, optando inclusive por se perder…

No primeiro capítulo, o texto apresentará ao leitor as encruzilhadas das relações arte-território na Amazônia como campo interdisciplinar de ação, situando-o acerca dos elementos teóricos articulados na discussão — precisando conceitos como *espaço*, *paisagem*, *território*, *processos de territorialização-desterritorialização*, dentre outros — e oferecendo registros de trabalhos anteriores relativos aos campos da arte, do discurso, e das ciências sociais, que nesta pesquisa, são tomados como pressupostos teóricos validadores das perguntas postas, funcionando como plataforma para novos saltos que visam, não superar os anteriores, mas experimentar no agora novos movimentos. O segundo capítulo apresenta uma cartografia de obras e relatos de artistas, construída a partir de um duplo movimento: por meio de um trabalho arqueológico de escavação de registros e memórias [que deu origem a um banco de dados multimídia sobre o qual a pesquisa pôde se debruçar]; e de exercícios de montagem [de corte e colagem de trechos das falas dos artistas entrevistados em direção a um texto final que trata das obras levantadas a partir das vozes dos seus realizadores]. O terceiro e último capítulo, teceu sínteses - no plural - possíveis, através do entrecruzamento da discussão teórica apresentada, da leitura crítica das obras, e da reverberação das vozes de cada artista. Essa busca resultou no apontamento de linhas de fuga que atravessam a diversidade da produção mapeada, das quais saltam procedimentos poéticos compartilhados que parecem emergir de singularidades relativas a um fazer artístico vinculado a uma experiência específica — embora também múltipla — de lugar.

Por fim, cabe dizer que esse livro surge da dissertação "*Da Encruzilhada das relações arte-território na Amazônia: um panorama das produções artísticas no tempo da supressão das paisagens*", apresentada ao *Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Realizada entre 2020 e 2024, a pesquisa contou com orientação do Prof. Marcos Magalhães, e interlocução generosa dos Professorxs Gil Vieira, José Sena, Orlando Maneschy, e Jimena Beltrão [para citar objetivamente os que estiveram presente nas bancas de qualificação e defesa]. O texto que segue — do modo que segue — é reflexo

das trocas estabelecidas com estes professorxs e ainda com outros, tanto do mestrado no Goeldi, quanto dos tempos da graduação na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Fundamentais também foram as trocas com os artistas que se disponibilizaram ao diálogo sobre as suas vivências e poéticas [Maria Raimunda Souza, Raimundo Gouveia, Dan Baron, Manuela Souza, Armando Queiroz, Paula Sampaio, Camila Fialho, José Viana, Aog Rocha, Edson Barrus, Giseli Vasconcelos, Luah Sampaio, Vandria Borari, Denilson Baniwa, Francisco Vera Paz, Marcone Moreira], e ainda as amizades todas que compartilham da experiência de fazer arte-política desde as Amazônias. É importante que fique nítido: esse livro é um olhar — um pensar e um sentir — *desde essa rede em movimento*. Não cheguei aqui sozinho, tampouco saio só.

[PART. 1]

- - -

a Encruzilhada das relações arte-território

[. . .]

Em 1931, em plena vigência do Código de Postura, que proibia tocar "tambor, carimbó, ou qualquer outro instrumento de percussão que perturbe o sossego público"[7], Bruno de Menezes escreve *Batuques*, uma homenagem à ancestralidade africana presente na Amazônia em versos sincopados. Em 1980, Giovane Gallo, desde os campos de Cachoeira do Arari, impregnado pela sazonalidade extrema de uma paisagem que "no inverno é mar, no verão só é pó"[8], escreve *Ditadura das Águas*, traduzindo em literatura a força das águas como determinantes de um modo de vida particular no centro do arquipélago do Marajó. Quatro décadas depois, o Grupo Frêmito Teatro encena *O Lugar da Chuva*, uma dramaturgia que se constrói a partir do confronto entre as visões endógenas [de um nativo-ribeirinho] e exógenas [de um viajante-estrangeiro] acerca da realidade na Amazônia Amapaense. Ruy Barata vai se apropriar do léxico do caboclo, esse "tipo humano ideal da representação belemense sobre a Amazônia"[9], para construir parte do seu trabalho em poesia. *Esse rio é minha rua*, depois de musicalizada pelo filho Paulo André Barata, e interpretada por Fafá de Belém em *Tambatajá*, se tornou um dos carimbós mais conhecidos — e representativos — da cultura paraense. *Esse rio é minha rua*, também foi título de uma exposição realizada em 1979, na qual o artista Waldir Sarubbi apresentou a série *Estuário*, composta de pinturas que exploravam a canoa como elemento central da narrativa plástica. Entre as décadas de 1980-90, Luiz Braga desenvolveu um relevante — e reconhecido — trabalho fotográfico registrando a visualidade específica que constituía as bordas de uma capital ribeirinha. Desde a década de 1990, Paula Sampaio tem fotografado[10] a realidade às margens das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica,

- - - -

7 / SALLES, Vicente e SALLES, Marena Isdebski. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. In: Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, 1969. p..260

8 / Trecho do carimbó Invernada Marajoara, de Zezinho Viana, músico e compositor de Cachoeira do Arari. Disponível em https://archive.org/details/InvernadaMarajoada_ZezusVianna

9 / CASTRO, F. F. de. Entre o Mito e a Fronteira. Estudo sobre a Figuração da Amazônia na Produção Artística Contemporânea de Belém. 1. ed. Belém: Lavor. p.25

10 / Dando origem ao trabalho Antônios e Cândidas, disponível em http://paulasampaio.com.br/projetos/antonios-e-candidas-tem-sonhos-de-sorte-2/